



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 11, v. 2 mai. -out. 2019

p. 45-64.

“Agora eles foram longe demais”: as crianças, as famílias e as super- heroínas *drag queens*

Cristiano Eduardo da Rosa¹

Jane Felipe²

RESUMO: Este estudo problematiza a animação brasileira *Super Drags*, original da plataforma Netflix, e a sua repercussão referente à preocupação de famílias e políticos quanto à classificação indicativa e ao conteúdo da referida produção, trazendo como super-heróis a presença de personagens homossexuais e *drag queens*. Com a análise dos cinco episódios que compõem a temporada da série e as notas de repúdio propagadas, percebemos a intencionalidade da produção destinada para o público adulto, mas suscitamos também debates acerca da responsabilidade familiar no acesso de crianças e adolescentes a conteúdos *online* e o temor em relação ao que o desenho animado provoca frente a sua representatividade LGBT no país que mais provoca a morte de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no mundo, com índices crescentes a cada ano. As análises aqui apresentadas se pautam nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais, a partir da perspectiva pós-estruturalista.

PALAVRAS-CHAVE: *scripts* de gênero; sexualidade; infâncias; *drag queens*; super drags.

Abstract: This study problematizes the Brazilian animation *Super Drags*, original of the platform Netflix, and its repercussion referring to the concern of families and politicians as to the indicative classification and the content of said production, bringing like superheroes the presence of homosexual characters and *drag queens*. With the analysis of the five episodes that make up the season of the series and the repudiation notes propagated, we perceive the intentionality of the production destined for the adult public, but we also raise debates about the family responsibility in the access of children and adolescents to online content and the fear in relation to what the cartoon provokes in front of its LGBT representativeness in the country that most causes the death of lesbian, gay, bisexual, transvestites and transsexuals in the world, with increasing rates each year. The analyzes presented here are based on Gender Studies and Cultural Studies, from a post-structuralist perspective.

Keywords: gender scripts; sexuality; childhood; *drag queens*; super drags.

Resumen: Este estudio problematiza la animación brasileña *Super Drags*, original de la plataforma Netflix, y su repercusión referente a la preocupación de familias y políticos en cuanto a la clasificación indicativa y al contenido de dicha producción, trayendo como superhéroes la presencia de personajes homosexuales y *drag queens*. Con el análisis de los cinco episodios que componen la temporada de la serie y las notas de repudio propagadas, percibimos la intencionalidad de la producción destinada al público adulto, pero suscitamos también debates acerca de la responsabilidad familiar en el acceso de niños y adolescentes a contenidos *online* y el temor en relación a lo que el diseño animado provoca frente a su representatividad LGBT en el país que más provoca la muerte de lesbianas, gays, bisexuales, travestis y transexuales en el mundo, con índices crecientes cada año. Los análisis aquí presentados se basan en los Estudios de Género y en los Estudios Culturales, desde la perspectiva post-estruturalista.

Palabras clave: scripts de gênero; sexualidad; infancia; *drag queens*; super drags.

¹ Professor licenciado em Letras e em Pedagogia, mestrando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Integrante do GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero. E-mail: cristiano1105@hotmail.com

² Doutora em Educação e professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero e coordenadora do GEIN - Grupo de Estudos de Educação Infantil e Infâncias. E-mail: janefelipe.souza@gmail.com

Recebido em 08/05/19

Aceito em 04/09/19

1. Salvando o mundo da maldade e da caretice

A estreia de um desenho animado nunca gerou tanta polêmica quanto o caso de *Super Drags*, produção brasileira da Netflix que foi lançada em novembro de 2018. Antes mesmo de ir ao ar na plataforma *online* de filmes e séries, o seriado de cinco episódios recebeu uma recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria, um comunicado do Ministério Público Federal e abaixo-assinados pedindo cancelamento no Brasil e nos Estados Unidos, além de notas de repúdio de políticos brasileiros.

A produção, que conta a história de três amigos gays que se montam de *drag queens* para combater o crime e trabalham em uma loja de departamentos com um chefe homofóbico causou muito debate sobre a linguagem de desenho animado utilizada, mesmo com censura de 16 anos de idade e a possibilidade de controle da família sobre o acesso de crianças e jovens a conteúdos que envolvem a temática da sexualidade.

Neste estudo, propomo-nos a trazer para a discussão algumas manifestações públicas sobre a série *Super Drags* e problematizar o papel da família frente ao alcance de menores a conteúdos com classificação não indicativa para estes. Temos observado ainda o pânico moral que a educação para a sexualidade tem causado em grande parte da população, além da necessidade de discutirmos sobre a função da animação para a representatividade LGBT³ no Brasil e no mundo, frente ao grande índice de LGBTfobia que temos observado nos últimos anos.

2. Quem pode fazer justiça?

A série *Super Drags* estreou em 9 de novembro de 2018, com cinco episódios com duração de 25 minutos cada, apresentando um roteiro dinâmico, mas com algumas cenas que poderiam ser melhor exploradas – talvez esteja aí a justificativa e a possibilidade de haver uma próxima temporada. A cidade onde se passa a história se chama Guararanhém e os autores não mostram como surgiram as super-heroínas, uma vez que a narrativa já começa com as protagonistas salvando passageiros de um ônibus sequestrado.

Sobre o trio de personagens principais, Patrick é libriano, estatura baixa e acima do peso; sua *drag* é a Lemon Chiffon, considerada o cérebro do trio e escolhida por sua destreza; já Ralph é

³ Sigla do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.



canceriano, alto e musculoso; sua *drag* é a Safira Cian, considerada o coração do grupo e escolhida por sua criatividade; e, por último, Donizete é ariano, negro e magro; sua *drag* é a Scarlet Carmesim, considerada a força entre as três e escolhida por seu autocontrole.

Sobre as particularidades do trio protagonista que são exploradas na trama, Figueiredo (2018), para o site do jornal O Povo, observa que Patrick enfrenta o drama da gordofobia e tem um episódio voltado para discutir os padrões de estética corporal; Ralph vive distante da família que não o aceita como um homem gay; e Donizete traz os dramas do gay das periferias das cidades.

Criada por Anderson Mahanski, Fernando Mendonça e Paulo Lescaut e produzida pela Combo Estúdio, a primeira série de animação brasileira produzida pela plataforma Netflix começou a ser divulgada em 31 de maio de 2018 e, a partir de então, tem estado envolta em críticas e polêmicas. O desenho animado *Super Drags* foi anunciado em um vídeo de 27 segundos, com poucas imagens e sem diálogos, destacando somente um trio de personagens principais que se transformam em super-heroínas.⁴

Com dublagens e legendas em cinco idiomas – espanhol, francês, inglês, italiano e português – a série atinge assinantes da Netflix de 190 países e se configura como uma grande mistura: realidade com fantasia, nostalgia com novidade, clichês com originalidade, cômico com trágico. E apesar das referências às *Meninas Superpoderosas*, *Três Espiãs Demais*, *Sailor Moon* e *Power Rangers*, mantém um forte tom de brasilidade em seu enredo.

Percebemos a intenção da série de abranger uma representatividade LGBT, pois o trio protagonista compõe uma variedade de características comportamentais, físicas e psicológicas. Em vídeo promocional, um dos produtores e também dubladores comenta que três "vozes características" do universo gay – "mais empostada", "mais barraqueira" e a voz "de moça" – deram a inspiração ao conceito das personalidades distintas que conduzem a animação.⁵

Como personagens coadjuvantes, vemos Vedete Champagne, uma espécie de mentora das super-heroínas que possui um ajudante robô chamado Dild-O; Goldiva, uma cantora pop internacional cheia de fãs; Juracy, um homem gay que está buscando a fama com o seu rebolado; Lady Elza, uma

⁴ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=gPZ_ogUiZYs. Acesso em: 31 jul. 2018.

⁵ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OhQpWvMNwnk>. Acesso em: 30 out. 2018.



vilã que quer consumir o *highlight*⁶ dos gays para ficar mais jovem; e Sandoval, um profeta e dono de um acampamento que aplica a “cura gay”.

Na dublagem em português temos três personalidades muito conhecidas da cena *drag* brasileira: Silvetty Montilla (51 anos de idade e que se monta há 31), dubladora da Vedete; Pablllo Vittar (24 anos de idade e que se monta há 4), dubladora de Goldiva; e por último Suzy Brasil (41 anos de idade e que se monta há 24), dubladora do Juracy.

Esse é um ponto interessante a ser destacado envolvendo os/as dubladores/as da série. A maioria desses/as profissionais são pessoas da comunidade LGBT, o que tem sido uma luta do movimento, como o caso de incentivo para que produtores contratem atores e atrizes trans para interpretar personagens transexuais em filmes, novelas e séries.

No primeiro episódio, “Hora do lipsync”, Lady Elza quer recuperar sua beleza e rouba o *highlight* de vários fãs de Goldiva, e as *Super Drags* intervêm para salvar o dia; no segundo, “Imagem é tudo”, Patrick é vetado de uma missão por Dild-O e aproveita a folga para mudar seu visual; no terceiro, “A cura gay”, Ralph é rejeitado pelo pai ao se assumir gay e vai a um campo de concentração de Sandoval para tentar a “cura gay”; no quarto episódio, “Seja quem você é”, Scarlet conhece o passado de Goldiva, que é raptada antes de um show e as *Super Drags* são convocadas para salvá-la; e no quinto, “Numa só voz”, Lady Elza invade o palco durante o show de Goldiva e suga o *highlight* de toda a plateia, ficando mais poderosa do que nunca e colocando as *Super Drags* em grande perigo.

3. “Hora de montar”! Pressupostos para um debate

Super Drags é uma série com humor consciente e crítico, trabalha bastante no exagero, apoia-se em *memes*⁷, cultura LGBT e internet na condução de sua trama; produz críticas políticas, religiosas e sociais e contém inúmeras referências anais e fáticas. Como comenta Damaceno (2018), no site do jornal Metrôpoles, a ideia da série não é algo completamente original.

Há 30 anos, Jô Soares interpretava o Capitão Gay, que combatia o crime e “coloria” o mundo, acompanhado do seu Cabo Suely. A diferença é o meio agora apresentado – uma animação – e o fato de *Super Drags* ter muito mais cara de feito por quem é de dentro do meio. Capitão Gay

⁶ De acordo com o primeiro episódio da série, *highlight* seria “a energia vital das gays; toda bicha tem highlight, é o que torna elas especiais, pintosas, bafônicas, fecheação”.

⁷ *Meme* é uma imagem ou um vídeo em tom de sarcasmo, que é bastante compartilhado pela internet.



era um bando de héteros achando engraçado fazer um super-herói que desmunheca. Mas naquele contexto teve sua importância.

Nesse sentido, consideramos que a animação possa não agradar a todos os públicos, em especial determinado segmento adulto mais tradicional, que pode ter dificuldades em entender de modo mais amplo as diversas formas de expressão de gênero e sexualidade. Na série em tela, cabe considerar que parte do humor depende da compreensão e do conhecimento de quem assiste, pois “Super Drags” fala sobre questões relacionadas com a população lésbica, gay, bissexual, travesti e transexual.

A produção investe no debate de temáticas polêmicas, externas e internas da comunidade LGBT – como preconceito, homofobia, não-aceitação pela família, brinquedos generificados, abuso sexual, cura gay, racismo, segregação, padrões de beleza, gordofobia, gays afeminados, desunião, aplicativos de pegação, invisibilidade lésbica e lugar de fala.

Por vezes, parece-nos que a animação seria uma produção de e para gays e afins destinada ao seu público jovem-adulto, até mesmo para entender as referências da narrativa, principalmente com vistas para um tom de humor irônico que se utiliza do pajubá, um dialeto de gays e travestis com origem no ioruba, língua africana. Como comenta Lima (2017), a risada e a gongação a respeito da norma também é uma maneira de resistir a ela.

Cabe destacar que no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio de 2018 o pajubá foi abordado em uma questão de interpretação textual. Depois, instaurou-se uma polêmica sobre a utilização do dialeto na prova e até mesmo o presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro, criticou e disse que o item não media conhecimento, “a não ser obrigar para que no futuro a garotada se interesse mais por esse assunto”. Ele finalizou dizendo: “parece que há uma supervalorização de quem nasceu assim”.⁸

Lima (2017) ainda defende que o pajubá se configura para além de um repertório vocabular utilizado por gays e travestis, mas uma forma de linguagem que constituiu esses sujeitos e se constituiu em uma re(ex)istência cultural que seria capaz de subverter a noção que temos de heteronormatividade – as normas com relação à sexualidade.

Motivados pelo alvo das polêmicas frente à classificação indicativa e ao conteúdo da série, perguntamo-nos: por ser um desenho animado, *Super Drags* poderia despertar o interesse de crianças

⁸ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-11/bolsonaro-critica-enem-e-diz-que-prova-deve-cobrar-conhecimentos-uteis>. Acesso em: 7 nov. 2018.



em assistir? Se elas tiverem acesso a algum conteúdo de divulgação da série, acreditamos que, possivelmente, sim. Porém, aqui entramos na problematização da responsabilidade de pais e responsáveis no acesso da criança à animação.

Como comentam Neves e Regadas (2018), a produção de animações da Netflix não costuma ser dedicada ao público infantil, uma vez que das 22 produções originais disponíveis na plataforma, apenas duas são de classificação livre, uma é para acima de 18 anos e as outras possuem indicação para 12, 14 ou 16 anos – podemos citar como exemplos os desenhos *Rick and Morty*, *BoJack Horseman* e *Big Mouth*.

Além da linguagem da animação, a temática de super-heróis também é muito associada ao universo infantil e existe a ideia de que os personagens podem ser modelos de comportamento no imaginário das crianças; assim, viria o receio delas quererem imitar as super-heroínas *drag queens* se assistissem à série. Porém, o adulto também se identifica com o universo de super-heróis, retratados em gibis, cinema e na cultura pop em geral, como Batman, Mulher Maravilha, Homem-Aranha, entre outros.

A questão do controle dos pais e das mães acerca do acesso de crianças e jovens a conteúdos que não são recomendados para sua faixa etária é interpelada por outro ponto importante neste debate, o da autonomia. Segundo Kamii (1991, p. 31), o indicado é que as crianças desenvolvessem a autonomia por meio de "relacionamentos seguros nos quais o poder do adulto seja reduzido ao máximo possível".

Porém, havendo essa redução, esses sujeitos em desenvolvimento burlam uma suposta autoridade pertencente aos pais e responsáveis e sentem-se empoderadas, ou seja, tornam-se mais críticas, mas também, ao mesmo tempo, mais passíveis de diversos tipos de coerções, tendo em vista o seu conhecimento de mundo reduzido comparados aos saberes de um adulto.

De acordo com Mattos (2013), é importante destacar que no início os desenhos animados eram produções exclusivas para um público adulto. Mais tarde, ganharam um caráter infantil pelas criações da Disney, que vai nos fazer associar as animações com a infância. Então, com o surgimento da televisão, esse gênero volta a gerar conteúdo adulto também.

Sendo assim, se há outras séries de animação destinadas ao público adulto, por que *Super Drags* chamou tanto a atenção? Seria por ter como protagonistas três sujeitos gays? Ou por ter sujeitos gays que se transformam em super-heróis? Ou ainda por ter sujeitos gays que se transformam em super-



heróis quando se montam de *drag queens*?

Talvez a mistura de animação com protagonistas que são ao mesmo tempo gays, super-heróis e *drag queens* é o que resulte no pânico moral de significativa parte da população que soube da existência da série. Cohen (1972, p. 9) destaca que poderia se configurar como um pânico moral quando

Uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas são definidas como ameaça aos interesses e valores sociais: sua natureza é apresentada de forma estereotipada e caricaturizada pela mídia de massa; as barricadas morais são manejadas por editores, padres, políticos e outras pessoas de direita; experts com credibilidade social anunciam diagnósticos e soluções; meios de lidar com o problema são desenvolvidos ou (mais frequentemente) se recorre a meios já existentes; algumas vezes o objeto do pânico é uma novidade e outras vezes é algo que já existia e repentinamente é iluminado pelos refletores. Algumas vezes o pânico passa e é esquecido a não ser no folclore e na memória coletiva; outras vezes tem repercussões sérias de longo prazo e pode provocar mudanças no sistema jurídico, nas políticas sociais e até mesmo na forma que a sociedade concebe a si mesma.

Portanto, parece-nos que algumas pessoas compreendem como inadmissível essa reunião de características sobre as personagens principais de um desenho animado, o que pode ser explicado com base em suas recordações acerca desse tipo de produção e na ideia de que essa linguagem audiovisual deve manter uma suposta leveza nas temáticas abordadas – e que sexualidade não se encaixa nesse contexto.

Um ponto relevante sobre a série é a sua produção – roteiro e direção – composta por integrantes gays; assim, percebemos a existência de um lugar de fala, como Foucault (1972, p. 57) destaca quando elenca algumas perguntas para pensarmos

Quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos-que-falam, está autorizado a ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos e de quem, em troca, recebe, senão sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o estatuto dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?

Assim, o lugar de fala de *Super Drags* é ocupado por sujeitos que, além de viverem na pele a experiência em ser homossexual, sabem o que é importante ser debatido em relação a questões LGBTs, inclusive demonstrando um retrato com os dois lados da questão – tanto o do oprimido e quanto o do opressor.



E parodiando a conhecida frase "Hora de morfar!" dos super-heróis *Power Rangers*, seriado dos anos 90, no momento da transformação dos protagonistas em *drag queens* heroínas com super poderes, o trio anuncia "Hora de montar!", o que pode também ser interpretado como a hora de assumir a situação, encarar a discriminação e questionar o preconceito. Aliás, autoestima e "força na peruca" eram os requisitos para que as *drags* da animação pudessem atuar como super-heroínas.

Essa ideia de super-herói que a série mostra remete também à questão de uma "identidade secreta" que se assemelha um pouco com a vida das *drag queens*, visto que algumas mantêm de forma bem distinta a pessoa "montada" da pessoa "desmontada". Isso nos lembra o caso de funcionários que precisam esconder de chefes suas identidades sexuais. De acordo com pesquisas, um em cada dez empregados LGBTs já foi incentivado a esconder a sexualidade na empresa (QUERINO, 2018), assim como 61% dos LGBTs escondem sua orientação no trabalho (BELONI, 2016).

Outro debate atual da animação que envolve o universo LGBT é o *pink money* – lucro de determinado produto a partir do consumo de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Com base em algumas cenas, é possível perceber que Robertinho, o dono da loja Wanusa Store, em que os três protagonistas trabalham, apresenta traços de preconceitos com a orientação sexual dos funcionários e seus semelhantes, mas vende produtos para essa comunidade porque sabe o que eles consomem e investe nisso para obter melhores finanças.

Nesse sentido, Dovidio et al. (2010) compreendem o preconceito como uma composição que envolve o lado negativo de uma crença, de um afeto e de um comportamento. No que se refere à população LGBT, Costa e Nardi (2015) destacam que, de um ponto de vista conceitual, o termo "preconceito contra a diversidade sexual" parece melhor definir o fenômeno do que "homofobia", que seria mais potente do ponto de vista político.

Pensamos ser necessário compreender que tal produção da Netflix não se propõe somente a indicar um espaço de luta e representatividade LGBT na cultura da sociedade contemporânea, mas também deve ser encarada como uma série que visa audiência e lucro para a plataforma, ou seja, quanto mais polêmica melhor também para a empresa. Assim, aumentarão os acessos e, em consequência, as assinaturas e os rendimentos.

Apesar de ter um humor específico, e também no estilo do que muitos chamam de politicamente incorreto, a série (re)produz piadas ácidas e de duplo sentido, nas quais ninguém escapa do “deboche” e que podem até mesmo constranger em certo nível alguns espectadores menos avisados – se isso for



possível de acontecer com base em tanta polêmica disseminada.

Por vezes, a luta LGBT é cobrada para a obrigação de ser tratada com mais seriedade, mas como comenta Adelino (2018), no site *Draglicious*,

Quanta obra heterossexual tem por aí que é a zueira pela zueira e é aclamada? Nem tudo sobre LGBTs precisa ser levado tão a sério. Já é hora de mostrarmos nossas outras facetas, a nossa diversidade, que vai desde o ativismo necessário à nossa sobrevivência como o deboche que é nossa forma de manter nossa sanidade no lugar diante de tanta opressão. Embora os closes errados e clichês precisem ser criticados e combatidos sempre!

Os padrões com relação à sexualidade também são abordados na série, de um ponto de vista dos homossexuais pois, como Seffner (2013, p. 157) salienta, "ninguém está fora da norma, embora possa estar em situação de confronto". Em relação a isso, Felipe (2016, p. 6) aponta para a existência dos *scripts* de gênero, que seriam compreendidos como apontamentos, definições, normas e roteiros, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescrevem as condutas dos sujeitos.

Quando os scripts são ignorados, rompidos ou modificados, seus autores - neste caso, a sociedade que se pretende hegemônica e que insiste em traçar determinados padrões de comportamento - trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo escrever seus próprios scripts.

Essas expectativas se apresentam ao longo de toda a animação e não é difícil perceber o tom verossímil de seu discurso. É interessante também perceber que desde a infância esses *scripts* de gênero e de sexualidade vão sendo construídos, aceitos, alterados ou rompidos (FELIPE, 2019), tendo em vista a percepção e a criatividade das crianças no que se refere às suas próprias experiências consigo mesmas e com o(s) outro(s).

Em relação à heteronormatividade, Adam (1998) aponta que se trata de um conceito mais relacionado com os discursos produzidos pelos sujeitos, enquanto o heterossexismo se refere à estrutura social do coletivo e o preconceito contra a diversidade sexual com as atitudes. Assim, poderíamos conceber que a conduta e a prática em oposição aos *scripts* de gênero e sexuais têm também incitado na sociedade movimentos de resistência e questionamento, tanto na produção científica quanto na militância.

No final do quinto e último episódio da temporada há um “*plot twist*” – termo utilizado para indicar uma reviravolta no enredo. Não queremos aqui dar “*spoiler*” – outro termo que indica revelar



fatos relevantes de algum conteúdo, mas a revelação acerca da “identidade secreta” da vilã nos leva a dois pensamentos que valem a problematização: (i) a noção do sujeito homofóbico como um gay enrustido – o que nos parece já se sustenta em alguns estudos nos últimos anos; e (ii) a ideia de que a homofobia é gerada puramente com base no preconceito das pessoas, culturalmente criado e mantido por gerações contra a diversidade sexual.

4. "Vai ter desenho de viado na Netflix, sim!": resistências no *streaming*

A Netflix é uma plataforma de *streaming*⁹ que parece não ter receio em causar polêmica e que, aliás, aproveita-se dela para a divulgação de suas produções. Com base nos detalhes liberados para a imprensa sobre *Super Drags*, que afirmavam que a série iria contar a história de três amigos gays que trabalhavam juntos em uma loja, transformando-se em *drag queens* para salvar o mundo, um mês e meio depois da divulgação inicial a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em 16 de julho de 2018, divulgou um comunicado público solicitando o cancelamento da produção¹⁰.

No documento, a SBP se dizia preocupada com a “saúde física, mental e emocional de cerca de 60 de milhões de crianças e adolescentes”, fazendo um “alerta para os riscos de se utilizar uma linguagem iminentemente infantil para discutir tópicos próprios do mundo adulto, o que exige maior capacidade cognitiva e de elaboração por parte dos espectadores”. O comunicado ainda mencionava que “vários estudos internacionais importantes comprovam os efeitos nocivos, entre crianças e adolescentes, desse tipo de exposição”.

Em seguida, pouco mais de uma semana após a repercussão dos pediatras, em 25 de julho, o Ministério Público Federal emitiu, pela Procuradoria da República em Minas Gerais, uma recomendação, com base em diversas considerações, citando até mesmo o comunicado da SBP, que a Netflix veiculasse a obra *Super Drags* única e exclusivamente na plataforma adulta, assim como enviasse cópia em DVD ao gabinete do Procurador da República, Fernando de Almeida Martins, logo

⁹ De acordo com Oliveira e Nobre (2016), "streaming é o nome associado à tecnologia que, nos dias atuais, permite a transmissão de áudio e vídeo através da internet sem a necessidade de fazer o download do mesmo, dado que, à medida que a informação é recebida pela máquina (PC, tablet, smartphone...) é de imediato transmitida ao utilizador". Disponível em:

http://www.img.lx.it.pt/~fp/cav/ano2016_2017/Trabalhos_MEEC_2016_2017/Artigo%2017/WebSiteCAV/site/ARTIGO-INTERNET-VIDEO-STREAMING.pdf. Acesso em: 1 nov. 2018.

¹⁰ Disponível em: <http://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/contra-a-exposicao-de-criancas-e-adolescentes-a-conteudos-improprios-na-tv>. Acesso em: 31 jul. 2018.



após a veiculação dos cinco primeiros episódios da obra em questão para melhor análise de conteúdo.¹¹

Após de toda essa polêmica, em 29 de agosto a Netflix lançou um vídeo irônico de um minuto esclarecendo a censura de 16 anos para a série, por meio da personagem Vedete, que reiterava o que a plataforma já havia divulgado sobre a série não ser destinada para o público infantil, assim como que não estaria presente no seu catálogo *kids* e que também seria responsabilidade dos pais ou responsáveis o acesso ou não de menores de idade ao conteúdo dos episódios de *Super Drags*.¹²

Cerca de dois meses depois, em 19 de outubro, a Netflix divulgou o trailer oficial da série e sua data de estreia. O vídeo, de 01:40, mostrava mais personagens, muitos diálogos e vinha com uma sinopse oficial: “Três drag queens chegam montadas para combater o mal. Seja enfrentando clientes suspeitos ou lutando contra o preconceito, elas estão sempre prontas para brilhar e mandar as forças malignas para aquele lugar”.¹³

Além disso, o trailer ainda apresentava um resumo bem curioso do que os espectadores podiam esperar dos episódios: “Prepare-se para a amizade, o romance, os brinquedos, os *haters*, o *lip sync*, as lésbicas, a *pool party*, as malas, a pegação, os tiros, as divas e muito close”. Após o lançamento do trailer oficial, a série aumentou sua repercussão, atingindo com mais força a mídia nacional e internacional e chamando a atenção tanto de conservadores quanto da própria comunidade LGBT.

Salientamos que a polêmica da série não foi somente aqui no seu país de origem, visto que nos Estados Unidos, em julho, a “Christian Film and Television Commission” – um grupo cristão que objetiva controlar o conteúdo de filmes e séries – começou uma petição online para o cancelamento de *Super Drags* pela Netflix. A página afirma que

The series is driven by a "politically correct" transvestite agenda and it is chock-full of sexual innuendos that are completely inappropriate for young audiences. [...] Our children need a voice. Will you stand up to those who are intent on pushing the transvestite agenda into their hearts and minds?¹⁴

¹¹ Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/recomendacao-netflix>. Acesso em: 31 jul. 2018.

¹² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=k9fSp1vZwio>. Acesso em: 05 out. 2018.

¹³ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_h0mrndA2fU. Acesso em: 19 out. 2018.

¹⁴ A série é impulsionada por uma agenda de travestis "politicamente correta" e está repleta de insinuações sexuais completamente inadequadas para o público jovem. [...] Nossos filhos precisam de uma voz. Você vai se levantar para aqueles que estão empenhados em empurrar a agenda travesti em seus corações e mentes? (tradução minha). Disponível



Até a data de estreia da série em novembro, a petição já contava com mais de 46 mil assinaturas. Essa mobilização poderia ser explicada por uma preocupação baseada em desconhecimento e também desconfiança sobre algo que as famílias temem para suas crianças. Críticas têm apontado a imposição de uma suposta "agenda LGBT" para os menores, assim como uma indução ao comportamento homossexual na infância. As personagens coloridas são observadas como um chamariz da atenção infantil para a animação e, mesmo com a classificação indicativa para maiores de 16, muitos creem que as crianças ainda assim ficariam na vontade de assistir à série.

No site Petição Pública, em início de novembro, foi lançado um abaixo-assinado de nome "Contra o lançamento do "desenho" Super Drags da Netflix", destinado a todos os pais, educadores, religiosos, Ministério Público e defensores dos direitos humanos. Até a data de estreia da série, mais de 30 mil pessoas já haviam assinado o documento, cujo texto apresentava somente o comunicado emitido pela Sociedade Brasileira de Pediatria, além do pedido para dar *deslikes* em todos os vídeos de divulgação da animação no YouTube.¹⁵

Assim, ao mesmo tempo em que a produção da série sustenta uma resistência à onda conservadora, outra polêmica sobre o conteúdo foi apontada, até mesmo pela comunidade LGBT. Trata-se de uma cena, logo no início do primeiro episódio, em que uma das protagonistas *drag queens* salva um homem inconsciente embaixo da água e, ao ver o volume de suas genitálias, as apalpa demonstrando prazer e sarcasmo ao mesmo tempo.

Essa cena representa um tipo de violência, a sexual, pois não há consentimento de uma das partes. Algumas críticas apontam certa banalização do estupro, no caso, estupro de vulnerável. Citando o Artigo 213 do Código Penal (BRASIL, 2017, p. 85), estupro consiste em “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Assim, podemos compreender como estupro mesmo aqueles casos em que não há de fato uma penetração.

5. Crianças e suas famílias: o que pode uma censura?

Tanto os serviços de *streaming* quanto as operadoras de TV a cabo e satélite oferecem nas suas

em: <http://citizengo.org/en/md/163309-help-us-stop-netflix-animated-drag-queen-series?tc=tw&tcid=49236555>. Acesso em: 30 out. 2018.

¹⁵ Disponível em: <http://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR108732>. Acesso em: 6 nov. 2018.



configurações algumas funcionalidades de bloqueio que variam de acordo com as classificações indicativas de seus conteúdos, o que possibilita aos contratantes – pais ou responsáveis – um total controle acerca do que aqueles que possuem acesso à conta – seus/suas filhos/as – poderiam assistir.

Dessa forma, propomo-nos a pensar aqui sobre o quanto a família acompanha e/ou orienta as crianças no consumo de conteúdo, principalmente, *online*. O pânico moral que as famílias têm externado, em tempos de "Ideologia de Gênero" – movimento que deslegitima os Estudo de Gênero e indica como risco à família o saber sobre gênero como uma construção social – mostra não somente uma preocupação com seus filhos, mas também uma falta de atenção sobre as rotinas e realidades da infância contemporânea.

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), no Capítulo VII, que dispõe sobre a Família, a Criança, o Adolescente, o Jovem e o Idoso – em redação dada pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010 – o Art. 227 afirma que é dever da família, da sociedade e do Estado, com relação à criança, ao adolescente e ao jovem assegurar, dentre outras questões, o direito à educação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Políticos, principalmente, têm se utilizado desse trecho para justificar as suas moções contra a série *Super Drags*, afirmando que a produção expõe a criança e o adolescente a conteúdos inadequados e ofensivos. Porém, no mesmo artigo, afirma-se que as três instâncias ainda têm o dever de "colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão". Então nos perguntamos: o que é esse repúdio senão discriminação, crueldade e opressão?

Um político do Partido Social Cristão da cidade de Palmas, Tocantins, também repudiou a série, advertindo "aos pais que fiquem atentos se não desejam que seus filhos tenham acesso a esse tipo de material. Infelizmente querem impor a qualquer custo essa agenda LGBT para nossos filhos. Crianças são influenciadas pelo que veem e ouvem. Quem é pai e mãe sabe disto."¹⁶

Cabe lembrar aqui que esse mesmo político foi o responsável pela polêmica envolvendo o nome de uma creche em sua cidade. O vereador, em julho de 2018, solicitou a mudança do nome da escola, que seria Centro Municipal de Educação Infantil Arco-íris, pois, de acordo com ele, a instituição promoveria o "homossexualismo" (termo equivocadamente utilizado pelo político, uma vez que o

¹⁶ Disponível em: <http://www.jmnoticia.com.br/2018/10/31/vereador-filipe-martins-repudia-desenho-animado-com-super-drags-da-netflix>. Acesso em 2 nov. 2018.



sufixo *ismo* indica doença). Por meio de um projeto de lei na Câmara de Vereadores, o nome da escola foi alterada para CMEI Romilda Budke Guarda, em homenagem a uma das pioneiras do município.¹⁷

O documento "Classificação Indicativa: informação e liberdade de escolha", do Ministério da Justiça, comenta que é direito dos pais conhecer, discutir e escolher o entretenimento dos filhos, pois "crianças e adolescentes são pessoas em desenvolvimento que precisam de ajuda tanto para selecionar quanto para compreender aquilo que assistem" (BRASIL, 2009, p. 4).

Em outro momento, o mesmo material (BRASIL, 2009, p. 5) ainda destaca a importância do acompanhamento dos pais sobre a programação exibida nas suas casas, indicando que as crianças “tendem a imitar o que assistem em filmes, desenhos, novelas e não distinguem ficção e realidade. Muitas podem ter comportamentos agressivos, fobias, ansiedade, obesidade, isolamento, submissão, apatia e erotização precoce”.

Como anunciado desde agosto, três meses antes da estreia, a série tem a classificação etária de 16 anos, por conter linguagem imprópria, conteúdo sexual e humor grosseiro. A própria Netflix, em seu site, afirma que

Toda série e filme na Netflix recebe uma classificação etária para ajudar os assinantes a fazerem escolhas informadas para si próprios e seus filhos. As classificações etárias são determinadas pela Netflix ou por uma organização local. A Netflix determina as classificações etárias pela frequência e pelo impacto do conteúdo adulto em uma série ou filme. As classificações de séries refletem o nível de maturidade geral da série inteira.¹⁸

No entanto, apesar da classificação, o conteúdo da série não exhibe cenas de sexo e nem mostra as genitálias de personagens. Podemos perceber que a polêmica envolta na animação foi muito mais baseada em especulações do que realmente em fatos, o que infelizmente tem se tornado comum, principalmente em tempo de “*fake news*” – termo que indica o compartilhamento de notícias falsas.

Muito pautado nessa onda de pânico moral acerca do que seria ou não adequado aos menores de idade, um projeto tem sido muito debatido no campo da Educação acerca da liberdade de ensinar. A proposta do “Escola Sem Partido” traz a discussão pautada no suposto abuso dessa autonomia docente,

¹⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/creche-arco-iris-muda-de-nome-apos-pedido-de-vereador-promove-o-homossexualismo.ghtml>. Acesso em 2 nov. 2018.

¹⁸ Disponível em: <http://help.netflix.com/pt/node/2064>. Acesso em: 9 nov. 2018.



propondo um controle sobre o que um/a professor/a pode ou não trabalhar em sala de aula, coibindo, principalmente, debates que envolvam gênero e sexualidade.¹⁹ Penna (2017) problematiza o discurso desse projeto identificando quatro principais elementos para a leitura desse fenômeno educacional: (i) uma concepção de escolarização; (ii) uma desqualificação do professor; (iii) estratégias discursivas fascistas; e (iv) a defesa do poder total dos pais sobre os seus filhos.

Essa última tem muito a ver com nossa discussão, uma vez que propõe que a escola não pode debater gênero e sexualidade com crianças, pois essa prática deveria ser função dos pais e responsáveis. Porém, o que a família faz é justamente proibir que a criança e o jovem tomem contato com essas temáticas, com receio de que sejam incentivados à homossexualidade ou que se confundam quanto à sua própria identidade, por exemplo.

Escola e família são duas instituições fundamentais na tarefa de educar crianças e jovens, porém nem sempre elas seguem uma mesma linha de pensamento, embora ambas possuam alguma autonomia para conduzir os processos de formação. Cabe aqui ressaltar que tal autonomia é relativa, pois as instituições precisam seguir as normativas da lei, que no caso brasileiro deve se adequar à Constituição Federal e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). Por vezes haverá conflitos entre as referidas instituições, como no caso em que a família acredita na teoria do criacionismo, mas deve acatar os ensinamentos científicos ministrado nas escolas, que abordam a teoria da evolução. Assim, para minimizar conflitos, é preciso que haja um debate acerca da liberdade de ensinar na sala de aula, o que é previsto por lei.²⁰ Obviamente que não é tarefa simples ministrar conteúdos que contemplem todos os interesses das famílias que frequentam as escolas, cada uma delas com determinadas crenças e opiniões.

Ao mesmo tempo em que políticos conservadores e religiosos querem proibir professores/as de trabalhar com as questões de gênero e sexualidade com alunos/as, justificando que isso deveria ficar a cargo de pais ou responsáveis, atacam o seriado *Super Drags* afirmando que as crianças irão ter acesso, de um jeito ou de outro, aos episódios com ou sem o conhecimento de adultos, como é o caso da Nota de Repúdio da Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família.²¹

De acordo com o texto da nota, “A animação ‘Super Drags’ faz apologia à erotização e à sexualização dos telespectadores, e contém cenas implícitas e explícitas de pornografia, de lascívia e de

¹⁹ Disponível em: <http://www.programaescolasepartido.org>. Acesso em: 27 nov. 2018.

²⁰ Conferir o Art. 206 da Constituição Federal (1988) e o Art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996).

²¹ Tal nota foi assinada pelos Deputados Federais Diego Garcia e Alan Rick.



orgia, além de possuir linguagem imprópria”. O texto que se refere à nota ainda afirma que produções como a série “são tentativas sórdidas de influenciar sexualmente nossas crianças” e que pais e mães devem ficar atentos ao conteúdo que seus filhos estão acessando na TV, internet, celular e outras mídias.

Dessa forma, estabelece-se uma contradição no cenário atual brasileiro, que ora propõe que a família como principal instituição que deveria lidar com esse tipo de conteúdo (gênero e sexualidade) – e não a escola –, ora afirma que os pais não têm condições de monitorar o acesso de crianças a determinados conteúdos, mesmo aqueles que não seriam destinados à infância. Tais perspectivas conservadoras trabalham sempre com a ideia de coibir – e perseguir – a veiculação de quaisquer produções que tratem das temáticas de gênero e sexualidade, a exemplo do que ocorreu com a exposição *QueerMuseu* em Porto Alegre.²²

Contradição semelhante pode se estabelecer também quando, em um dado momento, é proposta a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos de idade, considerando adolescentes nesta faixa etária como sujeitos conscientes dos seus atos – tal projeto está presente no Plano de Governo do presidente eleito em 2018 para o Brasil²³ – e, ao mesmo tempo, quando um conteúdo é proibido para menores de 16 anos, esses mesmos sujeitos são considerados como indivíduos que precisam de atenção e proteção.

Em vídeo publicado no site da revista *Veja* em 2 de novembro de 2018, a psicóloga Rosely Sayão afirmou, explicando aos pais as etapas nas quais as crianças e pré-adolescentes enfrentam a sexualidade, que “para a criança ser erotizada, basta sair de casa”.²⁴ Concordando com Sayão, ainda podemos destacar que as crianças nem precisariam sair de casa, pois pela televisão já é possível ter contato com o mundo adulto e com diversas formas de objetificação do corpo, principalmente o feminino, por meio de novelas e séries, publicidade e programas de entretenimento diversos.

Com relação a isso, Felipe (2013, p. 57) destaca que vivemos em uma cultura que produz constantemente imagens erotizadas das crianças

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através

²² *Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira* foi uma exposição de arte brasileira apresentada no Santander Cultural, em Porto Alegre, entre agosto e setembro de 2017. A exposição foi acusada, principalmente nas redes sociais, pelo Movimento Brasil Livre, de apologia à pedofilia, à zoofilia e ao vilipêndio religioso, causando polêmica e seu cancelamento.

²³ Disponível em: http://static.cdn.pleno.news/2018/08/Jair-Bolsonaro-proposta_PSC.pdf. Acesso em 5 nov. 2018.

²⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/tveja/familia/rosely-sayao-para-a-crianca-ser-erotizada-basta-sair-de-casa>. Acesso em: 5 nov. 2018.



da TV, do cinema, da música, em jornais, revistas, propagandas, outdoors, e, mais recentemente, com o uso da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade.

Nesse sentido, precisamos destacar a importância de colocar sob suspeita tantas outras produções, audiovisuais ou não, que são consumidas pelas famílias na presença de menores, desestabilizando as tradições e colocando em xeque o olhar protetivo às crianças. Percebe-se, também, em meio à polêmica de nível nacional e internacional que a animação da Netflix suscitou, que por trás dessas críticas há certa intenção de projeção, principalmente por parte de políticos, no cenário moralista do país – sempre com o *slogan* de defesa da família e da infância. Dias depois da divulgação da Nota de Repúdio da Frente Parlamentar, a Netflix, por meio de seu perfil na rede social Twitter, publicou uma imagem que demonstra como se pode configurar a conta na plataforma para controle de acesso ao conteúdo.²⁵

Outra polêmica também envolvendo uma animação aconteceu no primeiro semestre de 2017, quando o canal por assinatura HBO exibiu, nos turnos da manhã e da tarde, o filme *Festa da salsicha* (EUA, 2016). A produção, não recomendada para menores de 18 anos, foi alvo de denúncias, principalmente de pais, ao perceberem que o público infantil estava assistindo ao conteúdo com cenas e diálogos sobre sexo, entre outros temas. O caso acabou em processo e o canal foi condenado a pagar R\$ 2 milhões pela exibição do filme durante o dia.

Em 22 de dezembro de 2018 foi confirmado pelos produtores que a série não seria renovada para uma segunda temporada, pois, segundo a própria Netflix, não teve uma audiência tão grande quanto esperavam. No entanto, debateu-se na mesma época uma acusação de plágio promovida pelo desenhista e ilustrador Wil Vasque, que afirmou que a produção *Super Drags* seria uma cópia de um projeto seu criado em 2010 chamado *Drag Dragons* – essa situação poderia ter motivado o cancelamento de uma continuação do desenho animado.²⁶

6. Para as considerações finais: temos um close certo?

O objetivo deste artigo não foi o de apenas comentar a série de animação e nem somente destacar as polêmicas com quais ela se envolveu, mas potencializar e problematizar o que o anúncio, a estreia e

²⁵ Disponível em: <http://twitter.com/NetflixBrasil/status/1058719947898011649/photo/1>. Acesso em: 5 nov. 2018.

²⁶ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=iJOLQkKm7_E. Acesso em 22 dez. 2018.



o conteúdo dessa produção da Netflix suscitou no público espectador, principalmente nas famílias e na responsabilidade dos pais sobre a liberdade de acesso dos/das filhos/as a temáticas que poderiam ser consideradas inadequadas para menores.

Portanto, consideramos que o lançamento da série *Super Drags* desencadeou um movimento que nos permitiu pensar com mais atenção acerca da responsabilidade das famílias sobre crianças e jovens; compreender a importância da representatividade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na cultura em nossa sociedade; assim como questionar as produções que circulam na internet e que por vezes tomamos como verdades.

Acreditando que este tipo de movimento também nos educa, percebemos as possibilidades que a animação nos oferece enquanto espectadores em relação a aprender a respeitar a diversidade humana, a duvidar de algumas afirmações que falamos, lemos e ouvimos, e a colocar sob suspeita o nosso papel como adultos, pais e/ou professores frente a temáticas que têm causado pânico moral na população por questão de distorção ou falta de conhecimento.

Não cabendo aqui indagações que envolvam crianças, pelo fato da classificação indicativa da série, poderíamos nos questionar: qual o poder da influência de um desenho animado nos jovens? Qual o medo pela exposição a sexualidades que escapam da norma? Que riscos se corre ao tomar contato com diferentes vivências LGBTs? Será o desconhecimento ou a distorção desses saberes que os transformam em incertezas e que abalam e cegam parte da sociedade?

Acreditamos que um espectador mais atento consiga perceber, por meio das diferentes tramas que são apresentadas em cada episódio envolvendo as personagens – principais ou não, que qualquer que seja o público que a produção atinja, independente de classe, crença, gênero, orientação sexual ou raça, vai ser capturado por situações verossímeis que criam debates e que também poderiam gerar questionamentos e posicionamentos acerca de determinadas experiências cotidianas pelas quais sujeitos lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais passam – por vezes despercebidas – em virtude de discriminações e preconceitos, externos e internos à comunidade LGBT.

Outro ponto que nos mobilizou neste estudo foi problematizar se a discussão sobre sexualidades na internet ou mesmo por meio de produções como filmes e séries têm suprido a falta de abordagem da temática em casa ou na escola. Sabemos das barreiras que existem principalmente nessas duas instituições no que tange o tema, sempre polemizado e tratado como tabu incentivando, de certa forma, a curiosidade, sobretudo de crianças e jovens sobre.



Porém, consideramos de fundamental importância a existência de uma rede informativa a respeito de questões ligadas à sexualidade, em que discursos médicos, jurídicos, religiosos, midiáticos, da saúde e da educação conversem entre si a fim de promover um (auto)conhecimento do sujeito desde os primeiros anos de vida em todas essas instâncias, assim crescendo e compreendendo a diversidade e respeitando os direitos humanos básicos.

Referências

- ADAM, Barry. D. Theorizing homophobia. *Sexualities*, November 1, 1998, p. 387-404.
- ADELINO, Saulo. Super Drags | Crítica da primeira temporada. *Draglicious*, 13 de novembro de 2018. Disponível em: <http://draglicious.com.br/2018/11/13/super-drags-critica-da-primeira-temporada>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- BELLONI, Luiza. 61% dos LGBTs do país escondem sua orientação no trabalho. *Exame*, 04/02/2016. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/61-dos-lgbt-brasileiros-escondem-sua-orientacao-no-trabalho>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- BRASIL. *Código penal*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de edições técnicas, 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 27 nov. 2018.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 22 fev. 2019.
- BRASIL. Ministério da Justiça. *Classificação indicativa: informação e liberdade de escolha*. 2009. Disponível em: http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/cartilh_informacaoliberdadeescolha.pdf. Acesso em 1 nov. 2018.
- COHEN, Stanley. *Folk devils and moral panics: the creation of mods and rockers*. London: MacGibbon & Kee, 1972.
- COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, set. 2015, p. 715-726.
- DAMASCENO, Ítalo. Super Drags: o que esperar das novas heroínas da Netflix. Vozes LGBT, *Metrópoles*, 06/11/2018. Disponível em: <<http://www.metropoles.com/colunas-blogs/vozes-lgbt/super-drags-o-que-esperar-das-novas-heroinas-da-netflix>>. Acesso em: 6 nov. 2018.
- DOVIDIO, John F.; HEWSTONE, Miles; GLICK, Peter; ESSES, Victoria M.. *The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination*. London: Sage, 2010.



- FELIPE, Jane. Erotização de corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 54-66.
- FELIPE, Jane. Scripts de gênero na educação infantil. *Revista Pátio – Educação Infantil*, ANO XIV, n. 48. Porto Alegre: Artmed, jul./set. 2016, p. 4-7.
- FELIPE, Jane. *Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente*. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (org.). *Para pensar a docência na educação infantil*. Porto Alegre: Evanfrag, 2019, p. 236-248
- FIGUEIREDO, Iury. As didáticas e polêmicas Super Drags. *O Povo*, 19/11/2018. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2018/11/as-didaticas-e-polemicas-super-drags.html>. Acesso em: 17 dez. 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- KAMII, Constance. *Jogos em grupo na educação infantil*. Implicações da Teoria de Jean Piaget. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
- LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens pajubeyras: re(e)sistência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Devires, 2017.
- MATTOS, Alexandre Almeida Juruena de. *Antropomorfismo na cultura da animação*. 2013. 183f. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2013.
- NEVES, Marília; REGADAS, Tatiana. Sociedade Brasileira de Pediatria condena "Super Drags", animação brasileira que é voltada para adultos. *G1*, 20/07/2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/07/20/sociedade-brasileira-de-pediatria-condena-super-drags-animacao-brasileira-que-e-voltada-para-adultos.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2018.
- PENNA, Fernando de Araujo. O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). *Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 35-48.
- QUERINO, Rangel. Um em cada dez empregados LGBTs são incentivados a esconder sexualidade no trabalho. *Observatório G*, 17/10/2018. Disponível em: <http://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/10/um-em-cada-dez-empregados-lgbts-sao-incentivados-a-esconder-sexualidade-no-trabalho>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 1, jan./mar. 2013, p. 145-159.

